



Universidade Estadual de Maringá - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Filosofia - Programa de Pós-graduação em Filosofia

XIII Semana de Pesquisa em Filosofia

20 a 23 de outubro de 2026



Universidade Estadual de Maringá - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Filosofia - Programa de Pós-graduação em Filosofia

XIII Semana de Pesquisa em Filosofia

20 a 23 de outubro de 2026

CADERNO DE RESUMOS



Universidade Estadual de Maringá - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Filosofia - Programa de Pós-graduação em Filosofia

XIII Semana de Pesquisa em Filosofia

20 a 23 de outubro de 2026



Universidade Estadual de Maringá - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Filosofia - Programa de Pós-graduação em Filosofia

XIII Semana de Pesquisa em Filosofia

20 a 23 de outubro de 2026

XIII SEMANA DE PESQUISA EM FILOSOFIA

Universidade Estadual de Maringá
Departamento de Filosofia
Programa de Pós-graduação em Filosofia

CADERNO DE RESUMOS

Maringá, PR
2026

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Diretoria

Érica Fernandes Alves
Oseias da Silva Martinucci

Chefia de Departamento

Patrícia Coradim Sita
André Luiz Cruz Sousa

Coordenação do Curso de Filosofia

José Antônio Martins
Márcio Pires

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Max Rogério Vicentini
Vladimir Chaves dos Santos

Comissão Organizadora

Márcio Pires
Evandro Luís Gomes
Max Rogério Vicentini

Comitê Científico

Evandro Luís Gomes, UEM
Márcio Pires, UEM
Max Rogério Vicentini, UEM
Patrícia Coradim Sita, UEM

Apoio Técnico-administrativo

Andrea Regina Previati
Rosângela Scoaris Andrade

Apoio

CAPES

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Avenida Colombo, 5.790 – Campus Universitário
Bloco H-35 – Sala 11 – Telefone: (44) 3011-8925
87020-900 – Maringá – PR

Apresentação

É com imensa satisfação que apresentamos neste Caderno de Resumos as palestras e comunicações da XIII Semana de Pesquisa em Filosofia da UEM. Este evento, promovido pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia (PGF) e pelo Departamento de Filosofia (DFL), entre outras coisas, demonstra a consolidação e concretização de um hábito muito valioso e muito saudável academicamente, que temos buscado cultivar nos últimos anos: o compartilhamento e o debate das pesquisas que se dão aqui, no âmbito da graduação e da pós-graduação e também de programas e departamentos próximos, que têm nos proporcionado o prazer de suas participações.

Pensamos que seja da maior relevância para a formação de nossos estudantes a realização de momentos como este, onde o livre debate, a crítica e o diálogo promovem a viva circulação de ideias que, muitas vezes, ficam retidas em nossos pequenos círculos de amigos ou entre pares cujas concepções teóricas confinam confortavelmente. Veremos aqui, além dos resultados das pesquisas de docentes convidados, pesquisas que vão da iniciação científica ao mestrado e ao doutorado. A variedade temática que o evento oferece é um convite para visitar o pensamento do outro, visitar o tema que, talvez, não seja objeto de interesse imediato, enfim, conhecer e estabelecer diálogo com as inquietações teóricas que movem o espírito e o desejo de cada um.

Esperamos e desejamos a todos e todas que o evento seja fecundo e de grande proveito, que seja, nesta e nas próximas edições, oportunidade de encontros felizes, sempre envolvidos por aquele prazer peculiar que move o pensamento filosófico.

Sumário

Apresentação	v
Programação	1
Resumos das Conferências	5
Susanne Langer e a atualidade de Problemas da Arte (<i>Clovis Salgado Gontijo, UFABC</i> <i>clovisalgon@gmail.com</i>)	5
Habermas como leitor de <i>À paz perpétua</i> de Kant? (<i>Charles Feldhaus, UEL</i> <i>charlesfeldhaus@gmail.com</i>)	5
Resumos das Comunicações	7
Produção competitiva do lucro e subordinação de gênero no capitalismo (<i>Pamela Pereira Prestupa</i> <i>pamelaprestupa@gmail.com</i>)	7
A recepção e a autonomia do conceito de sublime na filosofia britânica do século XVIII (<i>Matheus Oliveira Pinheiro da Silva</i> <i>matheusoliverp@gmail.com</i>)	8
O Conceito Psicanalítico de Sentimento de Culpa na Teoria Crítica Mar- cuseana (<i>Paulo Rossato</i> <i>rossatopaulo22@gmail.com</i>)	8
A dissolução do ser na era digital: impessoalidade e cotidiano em Heidegger (<i>Tifanny Ioannidis, Ro- berto Khalmeyer-Mertens</i> <i>tifannyioannidis@outlook.com</i>)	9
The World as Warcraft: Bolsonarism & the Political Reproduction of Antagonism (<i>Ray Mar- loon</i> <i>raymarloon@gmail.com</i>)	10
Introdução ao tratado sobre a liberdade de Schelling (<i>Heloise Cristina Rossetti Aguila</i> <i>ra139124@uem.br</i>)	11
Kant e a questão do esclarecimento (<i>Daniel Stein Ono</i> <i>ra138983@uem.br</i>)	12
Fases da Heroína: análise da construção de personagens femininas na literatura greco-romana (<i>Stephanie Marques Soares Guimarães</i> <i>stephanie.msgui@gmail.com</i>)	12

O conflito político e os humores nas <i>Histórias Florentinas</i> de Maquiavel (<i>Estefferson da Silva Rodrigues</i> <i>estefferson@hotmail.com</i>)	13
Nietzsche e Foucault: Uma leitura genealógica (<i>Jonas Silva Faria</i> <i>pg56560@uem.br</i>)	14
Considerações sobre o conceito de transcendental em Christian Wolff (<i>Emanuel Lanzini Stobbe</i> <i>emanuel.stobbe@gmail.com</i>)	15
Sobre o pensar por si mesmo (<i>Ana Paula Manoel Felipe</i> <i>ana.paula.manoel@uel.br</i>)	15
O homem e as coisas: a fenomenologia materialista de Francis Ponge (<i>Lucas Rodrigues da</i> <i>Fonseca Lopes</i> <i>Lucas_rodrigues_lopess@yahoo.com.br</i>)	16
Langer e Lowenfeld: analisando a natureza da expressão gráfica na infância e na adolescência (<i>Rosana Similli Pedro</i> <i>pg407357@uem.br</i>)	17
Complexo e obstáculo epistemológico: uma articulação hermenêutica entre Jung e Bachelard (<i>Bruno Mar-</i> <i>condes Umbezeiro</i> <i>bruno.umbezeiro@gmail.com</i>)	18
Do adoecimento da vontade à ascensão do racionalismo na cultura grega (<i>João Victor Rodrigues Pinto</i> <i>pg406385@uem.br</i>)	18
Os transcendentais e sua origem em Tomás de Aquino (<i>Lucas Henrique</i> <i>Fiori Gomes</i> <i>ra140909@uem.br</i>)	19
O vitalismo transcendente de Jesus (<i>Wellington Sá da Silva</i> <i>wellington.sa@gmail.com</i>)	20
O problema da gênese conceitual do termo raça no pensamento decolo- nial (<i>Jeferson Scaccheti Prado</i> <i>jscaccheti@gmail.com</i>)	20
A Referenciação na Linguística Estruturalista (<i>Luccas Vaz Dantas dos San-</i> <i>tos</i> <i>luccasdantas1@gmail.com</i>)	21
Impressões Retinianas: a arte como filosofia selvagem (<i>Carolina Silva</i> <i>Garcia</i> <i>pg407351@uem.br</i>)	22
A virada ontológica e seus impactos na filosofia (<i>Francielle Pires Freire</i> <i>Favareto</i> <i>pg406384@uem.br</i>)	23
A <i>Rechtslehre</i> possui uma criticidade homogênea? Por uma análise gradual da fundamentação jurídica kantiana (<i>Clei-</i> <i>ton Marcolino Isidoro dos Santos</i> <i>cleiton.marcolino@uel.br</i>)	24

SUMÁRIO

A genealogia da <i>distinctio</i> é o caso de Lutero: <i>A Disputatio de homine</i> (1536) (Eduardo Sales de Lima pg56558@uem.br)	25
Índice de Autores	27

SUMÁRIO

Programação

20 de outubro de 2026 (Terça-feira)

Sessão de Abertura Coordenador/Chair: Max Rogério Vicentini (PGF)

19:30 Conferência de Abertura: *Susanne Langer e a atualidade de Problemas da Arte*
– Clovis Salgado Gontijo

21:00 Comunicação: *Langer e Lowenfeld: analisando a natureza da expressão gráfica na infância e na adolescência* – Rosana Similli Pedro

21 de outubro de 2026 (Quarta-feira)

Sessão 1 Coordenador/Chair: Eduardo Sales de Lima (PGF)

13:30 Comunicação: *Produção competitiva do lucro e subordinação de gênero no capitalismo* – Pamela Pereira Prestupa

14:00 Comunicação: *Faces da Heroína: análise da construção de personagens femininas na literatura greco-romana* – Stephanie Marques Soares Guimarães

14:30 Comunicação: *O problema da gênese conceitual do termo raça no pensamento decolonial* – Jeferson Scaccheti Prado

15:00 Comunicação: *A virada ontológica e seus impactos na filosofia* – Francielle Pires Freire Favareto

15:30 Intervalo

Sessão 2 Coordenador/Chair: Eduardo Sales de Lima (PGF)

16:00 Comunicação: *O vitalismo transcendente de Jesus* – Wellington Sá da Silva

16:30 Comunicação: *Introdução ao tratado sobre a liberdade de Schelling* – Heloísa Cristina Rossetti Aguila

17:00 Comunicação: *Kant e a questão do esclarecimento* – Daniel Stein Ono

17:30 Comunicação: *A dissolução do ser na era digital: impessoalidade e cotidiano em Heidegger* – Tiffany Ioannidis, Roberto Khalmeyer-Mertens

18:00 Intervalo

Sessão 3 Coordenador/Chair: Jonas Silva Faria (PGF)

19:30 Comunicação: *O homem e as coisas: a fenomenologia materialista de Francis Ponge* – Lucas Rodrigues da Fonseca Lopes

20:00 Comunicação: *Do adoecimento da vontade à ascensão do racionalismo na cultura grega* – João Victor Rodrigues Pinto

20:30 Comunicação: *A recepção e a autonomia do conceito de sublime na filosofia britânica do século XVIII* – Matheus Oliveira Pinheiro da Silva

21:00 Comunicação: *Complexo e obstáculo epistemológico: uma articulação hermenêutica entre Jung e Bachelard* – Bruno Marcondes Umbezeiro

22 de outubro de 2026 (Quinta-feira)

Sessão 4 Coordenador/Chair: Rosana Similli Pedro (PGF)

13:30 Comunicação: *O conceito psicanalítico de sentimento de culpa na Teoria Crítica marcuseana* – Paulo Rossato

14:00 Comunicação: *The World as Warcraft: Bolsonaroism & the political reproduction of antagonismo* – Ray Marloon

14:30 Comunicação: *O conflito político e os humores nas Histórias Florentinas de Maquiavel* – Estéfferson das Silva Rodrigues

15:00 Comunicação: *Impressões Retinianas: a arte como filosofia selvagem* – Carolina Silva Garcia

15:30 Intervalo

Sessão 5 Coordenador/Chair: Rafael da Silva da Silveira (PGF)

16:00 Comunicação: *Nietzsche e Foucault: uma leitura genealógica* – Jonas Silva Faria

16:30 Comunicação: *A genealogia da distinctio é o caso de Lutero: a Disputatio de homine (1536)* – Eduardo Sales de Lima

17:00 Comunicação: *A referenciação na linguística estruturalista* – Luccas Vaz Dantas dos Santos

Programação

17:30 Comunicação: *Os transcendentais e sua origem em Tomás de Aquino* – Lucas Henrique Fiori Gomes

18:00 Intervalo

Sessão de encerramento Coordenador/Chair: Márcio Pires (PGF)

19:30 Comunicação: *A Rechtslehre possui uma criticidade homogênea? Por uma análise gradual da fundamentação jurídica kantiana* – Cleiton Marcolino Isidoro dos Santos

20:00 Comunicação: *Considerações sobre o conceito de transcendental em Christian Wolff* – Emanuel Lanzini Stobbe

20:30 Comunicação: *Sobre o pensar por si mesmo* – Ana Paula Manoel Felipe

21:00 Conferência de encerramento: *Habermas como leitor de À paz perpétua de Kant?* – Charles Feldhaus

Resumos das Conferências

Susanne Langer e a atualidade de Problemas da Arte

Clovis Salgado Gontijo, UFABC
clovisalgon@gmail.com
Departamento de Filosofia
Universidade Federal do ABC

20 out
19:30
H35, s.10

Juntamente com Giovanni Matteucci, Clovis Salgado Gontijo traduziu e preparou o ensaio introdutório do livro *Problemas da Arte: dez conferências filosóficas* (*Problems of Art: Ten Philosophical Lectures*, 1957) de Susanne K. Langer (1895–1985).

Após seus estudos musicais, Clovis Salgado Gontijo se formou em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e se doutorou em Estética pela Universidade do Chile (bolsista Conicyt). Atuou como professor e pesquisador do Departamento de Filosofia da FAJE (2011–2025), coordenando o grupo de pesquisa Mística e Estética. Em 2024 e 2025, realizou estágio de pós-doutorado na Università degli Studi di Salerno (bolsista FAPEMIG), sob supervisão de Enrica Lisciani-Petrini e Daniela Calabrò, e visitou, como professor convidado, a Universidade de Breslávia. Atualmente, é pesquisador e pós-doutorando no Departamento de Filosofia da UFABC, sob supervisão de Fernando Costa Mattos, e professor no Seminário Provincial Sagrado Coração de Jesus (Diamantina). Desde 2020, integra o Susanne K. Langer Circle. É autor de *Ressonâncias noturnas: do indizível ao inefável* (2017) e *“L” de Diferença* (2020), assim como tradutor de *A música e o inefável*, de V. Jankélévitch (2018) e *Em algum lugar do inacabado*, de Jankélévitch e Berlowitz (2021).

Habermas como leitor de *À paz perpétua* de Kant?

Charles Feldhaus, UEL
charlesfeldhaus@gmail.com
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Universidade Estadual de Londrina

22 out
21:00
H35, s.10

Esse estudo busca reconstruir os principais momentos da recepção de Jürgen Habermas do opúsculo de Immanuel Kant *À paz perpétua: um projeto filosófico* e mostrar como Habermas emprega seu engajamento com o projeto kantiano para expandir sua concepção de democracia deliberativa desenvolvida em *Facticidade e Validade* à esfera internacional. Habermas inicia seu engajamento com a proposta

de Kant de uma ordem mundial pacífica num texto que escreve em comemoração aos duzentos anos do opúsculo de Kant e que foi publicado na obra *A inclusão do outro*. Com o passar do tempo ele aprofunda o debate com Kant em outros textos como *O ocidente dividido*, *Entre naturalismo e religião*, *Sobre a constituição da Europa* e alguns outros e ao fazer isso vai desenvolvendo sua concepção própria de direito internacional num diálogo constante com Kant e com o processo de desenvolvimento da União Européia. Nesse modelo de governança global Habermas defende um sistema de três níveis: a) um sistema global de governança global sem um Estado mundial; b) um sistema de estados individuais com competências reduzidas (dado que direitos humanos e direito à guerra são restringidos); e um sistema de política interna global baseado no fortalecimento dos regimes continentais. No que diz respeito à recepção de À paz perpétua de Kant, Habermas afirma que o projeto kantiano ainda é atual, contudo, exige algumas mudanças conceituais, como a própria definição do conceito de paz. Além disso, a estrutura jurídica proposta, uma federação de Estados livres seria insuficientemente robusta para garantir o objetivo pretendido de uma ordem mundial pacífica. Habermas entende também que algumas das teses kantianas do opúsculo teriam sido refutadas pela história, ao menos parcialmente, como a tese democrática (na verdade, Kant emprega república), dado que as democracias não necessariamente fazem menos guerras que as não democracias; o comércio não é uma tendência apenas para paz, mas pode se tornar motivação para guerra; e a esfera pública também se modificou radicalmente e se transformou em mecanismo de manipulação das massas. Enfim, o presente estudo pretende apresentar os traços gerais da recepção de Habermas e mostrar que existem alguns problemas interpretativos a respeito do pensamento de Kant nessa recepção.

Resumos das Comunicações

Produção competitiva do lucro e subordinação de gênero no capitalismo

Pamela Pereira Prestupa
pamelaprestupa@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Universidade Estadual de Londrina

21 out
13:30
H35, s.10

A persistência das desigualdades de gênero tem sido frequentemente relacionada à organização social da reprodução e do cuidado, dando origem a estratégias voltadas à redistribuição dessas atividades entre homens e mulheres, à sua remuneração e à ampliação da responsabilidade pública por sua realização. Sem negar a relevância dessas transformações, este trabalho propõe deslocar a análise para uma questão anterior: em que medida a própria lógica de funcionamento do capitalismo impõe limites à superação da subordinação de gênero? Partindo da concepção de capitalismo como ordem social institucionalizada, desenvolvida por Nancy Fraser, e da compreensão da reprodução social como condição de possibilidade da produção da força de trabalho, o argumento concentra-se no conceito de produção competitiva do lucro formulado por Albenaz Azmanova. Nessa perspectiva, a obtenção do lucro não constitui apenas uma preferência dos agentes econômicos, mas um imperativo decorrente da competição, que submete a produção a pressões permanentes por produtividade, redução de custos e disponibilidade da força de trabalho. Sustenta-se que essa lógica repercute sobre as condições da reprodução social em três dimensões. Primeiro, exerce pressão para que custos necessários à reprodução da força de trabalho permaneçam externos aos custos diretamente assumidos pela produção. Segundo, permite que parte desses custos seja socializada sem que também se socialize o poder de decisão sobre a destinação do excedente social, predominantemente orientado pelos imperativos da valorização. Por fim, converte diferenças relacionadas à reprodução biológica, como gestação, parto e recuperação pós-parto, em diferenças economicamente relevantes de disponibilidade para o trabalho. Argumenta-se, assim, que a análise da emancipação de gênero exige considerar não apenas quem realiza e financia a reprodução social, mas também as pressões estruturais exercidas pela produção competitiva do lucro sobre sua organização.

A recepção e a autonomia do conceito de sublime na filosofia britânica do século XVIII

21 out
20:30
H35, s.10

Matheus Oliveira Pinheiro da Silva
matheusoliverp@gmail.com

Programa de Pós-graduação em Filosofia (PGF), Capes
Universidade Estadual de Maringá

Este trabalho propõe analisar a recepção, a emergência e a constituição do sublime como um conceito estético autônomo no âmbito da filosofia britânica do século XVIII. Longe de figurar como mera categoria estilística, a consolidação do sublime resulta de uma profunda transformação na visão de mundo ocidental, impulsionada pelos desdobramentos da Revolução Científica, que substituiu o cosmo finito, ordenado e proporcional por um universo infinito, vasto e desmedido. Nesse horizonte histórico-filosófico, o sublime emerge como o “outro” do belo, traduzindo uma modalidade de prazer estético paradoxal e intempesitiva que a estética tradicional da harmonia e da simetria já não era capaz de explicar. Investiga-se, assim, como fenômenos naturais indomáveis, irregulares e selvagens—outrora concebidos como acidentes ou imperfeições— foram ressignificados como manifestações estéticas legítimas de imensidão e assombro, contrapondo-se à delicadeza e ao ornamento do belo clássico na natureza e na arte rococó. A partir dos contributos precursores de autores como Thomas Burnet, John Dennis, Joseph Addison e John Baillie, o estudo examina a gestação teórica dessa nova sensibilidade, tomando a sistematização de Edmund Burke como momento exemplar de fundamentação psicofisiológica da antítese entre o belo e o sublime. Demonstra-se, em suma, como a filosofia britânica setecentista conferiu autonomia conceitual ao sublime, chancelando a legitimidade filosófica de uma experiência estética diante da magnitude, da disformidade e do incomensurável.

Palavras-chave: Estética, Sublime, Filosofia Britânica, Século XVIII.

O Conceito Psicanalítico de Sentimento de Culpa na Teoria Crítica Marcuseana

22 out
13:30
H35, s.10

Paulo Rossato
rossatopaulo22@gmail.com

Programa de Pós-graduação em Filosofia (PGF)
Universidade Estadual de Maringá

A psicanálise freudiana entende o sentimento de culpa como um elemento central para a compreensão da sociedade contemporânea. Em seu escrito *O Mal Estar na Civilização*, Sigmund Freud é explícito, afirmando o sentimento de culpa como o problema mais importante no desenvolvimento da civilização. Na esteira da reflexão sobre este problema, Herbert Marcuse escreve, em *Eros e Civilização*, sobre as características materiais e históricas deste sentimento. Partindo de fundamentos conceituais psicanalíticos, Marcuse procura apresentar não apenas um mecanismo psíquico desenvolvido ao longo da história natural humana, mas

um instrumento de intenso controle social. O sofrimento e a infelicidade tidos por Freud como subprodutos inevitáveis da civilização aparecem em Marcuse como contingências dependentes das características assumidas pelo princípio de realidade. Este, transformado pelas exigências produtivas das sociedades contemporâneas, se torna o princípio de desempenho. Sob a lógica deste princípio, o sentimento de culpa assume função diversa daquela asseverada por Freud, passando a perpetuar o domínio social. Preso entre a ânsia pela realização de suas necessidades mais básicas e a repressão social, o indivíduo se vê restrito às formas administrativas de trabalho, lazer e pensamento, pois o sentimento de culpa reforça no indivíduo a ideia de que suas carências se dão como resultado de seu próprio comportamento. Assim, qualquer movimento contra o status quo é ensinado ao eu como um atentado contra a própria razão, a própria civilização. Em *Eros e Civilização*, Marcuse abre o caminho para a reflexão acerca de um sentimento de culpa não repressivo, produto de um novo princípio de realidade.

A dissolução do ser na era digital: impessoalidade e cotidiano em Heidegger

Tiffany Ioannidis, Roberto Khalmeyer-Mertens
tiffanyioannidis@outlook.com

Programa de Pós-graduação em Filosofia (PGF), Capes
Universidade Estadual de Maringá

21 out
17:30
H35, s.10

Em *Ser e Tempo*, Heidegger afirma que, “primeiramente e na maior parte das vezes” (2015, p. 46), o ser-aí (Dasein) existe no modo impessoal da cotidianidade. O “quem” da convivência cotidiana não corresponde a um sujeito determinado, mas ao das Man, traduzido como “a gente”. Nesse modo de ser, o Dasein é apropriado e nivelado pelo impessoal. As diferenças singulares tendem a ser suprimidas, enquanto a medianidade passa a prescrever o modo de ser da vida cotidiana. Assim, as possibilidades existenciais não são assumidas de maneira própria, mas previamente indicadas pelo que se faz, se pensa e se diz. Enquanto ser-com (Mitsein), o Dasein é constitutivamente coexistência; contudo, na impessoalidade, essa estrutura ontológica degenera em dependência difusa. O indivíduo encontra-se à mercê das tendências e disposições dominantes, absorvido pelas ocupações ordinárias e abrigado numa normalidade confortável, na qual nenhuma decisão autêntica parece ser exigida. A responsabilidade existencial dissolve-se na coletividade anônima, e o ser próprio é encoberto pela conformidade do “todo mundo”. As redes digitais intensificam estruturalmente essa dinâmica do das Man. Operando sob o regime da visibilidade constante, da comparação e da validação pública, instauram um espaço no qual a lógica algorítmica promove padrões de opinião, comportamento e aparência que se impõem como normativos. Assim, passa-se a avaliar suas possibilidades a partir de métricas externas, aqui listadas como curtidas, seguidores, engajamento, internalizando a medianidade como critério de valor. A identidade converte-se, assim, em performance ajustada ao olhar anônimo da massa digital. Nesse cenário, a

existência inclina-se à superficialidade e à diluição da singularidade, nivelando-se em tendências replicáveis. A autenticidade, compreendida como a escolha da possibilidade mais própria do ser, é obscurecida pela absorção no impessoal. As redes digitais, portanto, não produzem originariamente a inautenticidade, mas radicalizam a estrutura cotidiana do das Man, tornando mais árduo ao Dasein assumir, de modo resolutivo, o seu próprio poder-ser. Diante disso, em um mundo mediado pela exposição e pela validação incessante, ainda é possível sustentar uma existência autenticamente própria.

Palavras-chave: Martin Heidegger, Ser-aí, das Man, Autenticidade, Inautenticidade, Redes sociais.

Referências

CARDINALLI, E. I. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). *Psicologia USP*, v. 26, n. 2, p. 249–258, 2015.

COSTA, Poliana Emanuela da. Inautenticidade e finitude em Heidegger. *Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação*, v. 3, n. esp, 2011.

HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. 2ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995, p. 42–44.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 2015.

The World as Warcraft: Bolsonarism & the Political Reproduction of Antagonism

Ray Marloon

raymarloon@gmail.com

Programa de Pós-graduação em Filosofia (PGF), Capes
Universidade Estadual de Maringá

What becomes of political refusal when the adversary it confronts depends upon the continued reproduction of antagonism? This article investigates Bolsonarism as a political formation that reorganises historically accumulated conflicts into a recurring production of enemies, rendering antagonism a condition of ideological reproduction. Situating this process within the transformation of Brazilian coalition presidentialism, it considers whether growing congressional autonomy, accompanied by an uneven distribution of governing power and political responsibility, contributes to the reproduction of antagonistic politics. Drawing primarily upon Herbert Marcuse's critique of technological rationality, repressive desublimation, and the Great Refusal, the analysis proceeds from the distinction between *Wrath* and *Rage*, where the former names indignation rendered morally legible and administrable, while the latter names the non-identical remainder of refusal that resists conversion into programme, spectacle, or catharsis. In dialogue with Daniel Nascimento e Silva, Letícia Cesarino, Carl Schmidt, and Chantal Mouffe, the investigation examines how permanent antagonism organises political identity while threatening to incorporate the very opposition it provokes. Yet,

22 out
14:00
H35, s.10

refusal encounters a contradiction of its own: without organisation, Rage risks disappearance or political impotence; through organisation, it risks reproducing the rationality it opposes. Returning to Marcuse's reflections on the New Left and the historical possibility of emancipation, while retaining Adorno's critique of premature reconciliation, the article asks whether political refusal can acquire transformative force without allowing its institutional reproduction to become an end in itself. For a world organised as Warcraft does not merely demand enemies; it threatens to make their continued existence indispensable. The decisive question, therefore, is whether refusal can organise itself to transform the conditions of antagonism without becoming another instrument of their reproduction.

Keywords: Bolsonarism, Herbert Marcuse, Political Antagonism, Wrath and Rage, Emancipation.

Introdução ao tratado sobre a liberdade de Schelling

Heloise Cristina Rossetti Aguilera
ra139124@uem.br

Programa de Iniciação Científica
Universidade Estadual de Maringá

21 out
16:30
H35, s.10

Em sua obra *Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e as questões com ela relacionadas*, de 1809, Schelling coloca a liberdade como princípio fundamental que está enraizado no próprio ser e permeia a totalidade da natureza. Tal compreensão o diferencia dos outros filósofos do idealismo alemão, visto que o autor vai além do princípio formal da liberdade e busca situá-la no próprio espírito humano e em sua relação com o mundo. Para tanto, Schelling tentará expandir o conceito de liberdade, inserindo-o em um sistema, o que o levará a tratar do conflito entre necessidade e liberdade, que pode ser entendido como motor das questões que se seguirão. Assim, nesta apresentação, buscarei abordar os pontos mais estruturais e gerais do tratado, seguindo a ordem de exposição proposta pelo filósofo. Desse modo, além do conflito entre necessidade e liberdade, também será abordada a concepção da liberdade como faculdade do bem e do mal, questão crucial que leva à distinção entre fundamento (*Grund*) e existência (*Existenz*) em Deus.

21 out
17:00
H35, s.10

Kant e a questão do esclarecimento

Daniel Stein Ono
ra138983@uem.br

Programa de Iniciação Científica
Universidade Estadual de Maringá

No presente texto vamos analisar a construção kantiana do esclarecimento recorrendo sobre os elementos fundamentais da tese de Kant, estes sendo menoridade, entendimento, uso público e privado da razão. Quando Kant faz seu apelo ao pensamento crítico, o filósofo constata que isto só pode acontecer quando o agente tem coragem de utilizar seu próprio entendimento (*sapere aude*) e quando há liberdade de utilizar sua razão em todos os assuntos. Apesar destes elementos serem fundamentais para a realização do esclarecimento, algumas dúvidas permanecem. Por exemplo, o que é utilizar o próprio entendimento? O que Kant compreende por este termo? Se devemos nos livrar da menoridade, ou seja, da tutela de outrem, isto seria um apelo de Kant à negação de todo argumento realizado por alguém exterior ao agente? Não deveríamos então acatar o conselho de um médico ou de um jurista naqueles assuntos nos quais (a princípio) eles possuem especialidade? O uso público da razão é sempre livre, porém, o que é esta liberdade? Quais são as diferenças entre o uso público e privado da razão? Se é necessário que todos possam utilizar sua razão de modo livre, não será necessário também um certo nível de tolerância daqueles que o discurso pretende atingir? A elucidação dessas questões se mostram fundamentais, uma vez que decorrem da reflexão sobre os elementos centrais do opúsculo Resposta à questão: O que é esclarecimento.

Referências

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: O que é esclarecimento? Trad. Vinicius Berlendis Figueiredo. In: MARÇAL, J. (org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009.

21 Out
14:00
H35, s.10

Faces da Heroína: análise da construção de personagens femininas na literatura greco-romana

Stephanie Marques Soares Guimarães
stephanie.msgui@gmail.com

Programa de Iniciação Científica
Universidade Estadual de Maringá

O presente trabalho investiga o processo de construção das personagens femininas nas narrativas greco-romanas, a fim de verificar se existe para as heroínas uma trajetória comum definida, tal como Joseph Campbell, em *O herói de mil faces*, estabeleceu para o herói por meio do monomito (a partida, a iniciação e o retorno). Para isso, foram analisados os mitos de Ariadne, Medeia, Hipólita, Andrômeda e Dejanira, confrontando cada um deles com as dezessete etapas propostas por Campbell e registrando, em cada caso, a presença, a correspondência parcial ou

a ausência de correspondência. Os resultados indicam que nenhuma das personagens cumpre a jornada completa. As correspondências concentram-se na fase da partida e no “encontro com a deusa”, que o próprio Campbell reduz, no caso feminino, à união com o parceiro, enquanto as provas próprias e, sobretudo, todo o retorno, núcleo do heroísmo campbelliano, praticamente não encontram equivalência. Conclui-se que não há uma jornada da heroína nos moldes do monomito, pois essas mulheres não protagonizam o próprio percurso: suas histórias se estruturam em torno da trajetória de um herói, a quem auxiliam, por quem são salvas ou de quem são vítimas. Em lugar de uma jornada, identificam-se momentos recorrentes: a beleza como atributo definidor, o casamento como horizonte narrativo, a ruptura com a família de origem, a intervenção divina sobre seus destinos, o abandono ou a traição pelo herói, a origem estrangeira e a representação do poder feminino como perigoso. Argumenta-se, assim, que o modelo de Campbell, construído a partir de heróis masculinos, mostra-se insuficiente para descrever essas trajetórias, e que o padrão feminino nas narrativas greco-romanas se define menos por um percurso de transformação e retorno do que por um conjunto de situações compartilhadas, em geral subordinadas ao universo masculino.

Palavras-chave: literatura greco-romana, Jornada, Herói, Heroína.

O conflito político e os humores nas *Histórias Florentinas* de Maquiavel

Estéfferson da Silva Rodrigues
estefferson@hotmail.com

Programa de Pós-graduação em Filosofia (PGF), Fundação Araucária
Universidade Estadual de Maringá

22 out
14:30
H35, s.10

O presente trabalho investiga o papel dos humores e do conflito político nas *Histórias Florentinas*, de Nicolau Maquiavel, buscando compreender por que os antagonismos sociais produziram efeitos distintos em Roma e Florença. Parte-se da concepção desenvolvida nos *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, especialmente no capítulo I, 4, segundo a qual a desunião entre povo e grandes constitui a causa primeira da liberdade romana, possibilitando a criação de leis favoráveis à liberdade pública. Nas *Histórias Florentinas*, entretanto, Maquiavel apresenta Florença como uma cidade marcada pela multiplicidade de divisões políticas, familiares e partidárias, expressas nos conflitos entre guelfos e gibelinos, entre Brancos e Pretos etc. A partir da análise dos livros I, II e III, examina-se como essas divisões se articulam à oposição entre povo e grandes, condicionando a condução dos conflitos e seus resultados políticos. Argumenta-se que a diferença entre Roma e Florença não reside simplesmente na presença de antagonismos, mas nas formas pelas quais são organizados e conduzidos. Enquanto em Roma os conflitos favoreceram a produção de leis orientadas ao bem comum, em Florença prevaleceram disputas que resultaram em violência, exílios e leis favoráveis aos vencedores. Busca-se, assim, compreender se as *Histórias Florentinas* representam uma inflexão teórica na reflexão maquiaveliana sobre os humores ou

se demonstram que os efeitos políticos dos conflitos dependem das configurações históricas e institucionais em que se manifestam.

Palavras-chave: Conflito político, Humores, Histórias Florentinas.

22 out
16:00
H35, s.10

Nietzsche e Foucault: Uma leitura genealógica

Jonas Silva Faria
pg56560@uem.br

Programa de Pós-graduação em Filosofia (PGF)
Universidade Estadual de Maringá

O presente trabalho tem como finalidade examinar a proximidade metodológica de Friedrich Nietzsche e Michel Foucault, a partir de uma perspectiva genealógica. Foucault, como leitor de Nietzsche, não foi apenas um comentador ou um exegeta dos textos do filósofo alemão, mas foi como um especialista que abre sua caixa de ferramentas, a fim de transformar o mundo à sua volta. Scarlett Marton, em seu texto: *Foucault leitor de Nietzsche*, descreve o Nietzsche de Foucault: “Talvez Foucault encare Nietzsche menos como objeto de análise do que como instrumento; talvez se relacione com ele menos como o comentador com seu *interpretandum* do que como o pensador com sua caixa de ferramentas”. Foucault parte da genealogia nietzschiana em seu texto *Nietzsche, a Genealogia e a História*, e faz críticas aos valores morais e à metafísica ocidental desconstruindo a busca por origens essenciais e atemporais, Foucault recusa categoricamente a busca metafísica pela origem (*Ursprung*) ou essência imutável e ao mesmo tempo assume a genealogia como um saber cinzento, meticuloso e documental que opera no campo da proveniência (*Herkunft*) e da emergência (*Entstehung*), as quais são resultantes de acasos, acidentes e lutas de forças. Segundo Marton, citando Foucault, “o único sinal de reconhecimento que se pode ter para com um pensamento como o de Nietzsche, é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo, ranger.”, e foi isto que Foucault o fez; ele desvinculou a cosmologia e a ontologia vitalista e os reconfigurou numa microfísica de saber e poder, através da subjetivação do sujeito. Partindo da radicalização operada por Foucault, pretendemos responder a seguinte questão: Foucault superou Nietzsche ou apenas foi seletivo, deixando de ver a dimensão cosmológica de forças e ignorar os critérios de vida em Nietzsche?

Palavras-chave: Genealogia, Nietzsche, Foucault, Poder.

Considerações sobre o conceito de transcendental em Christian Wolff

Emanuel Lanzini Stobbe
emanuel.stobbe@gmail.com

Pesquisador de Pós-doutorado em Filosofia
Universidade Estadual de Londrina

22 out
20:00
H35, s.10

O objetivo deste trabalho é oferecer considerações sobre o conceito de transcendental na metafísica de Christian Wolff, especialmente quanto aos conceitos de ordem, verdade e perfeição. Na metafísica escolástica tradicional, o conceito de “transcendental” desempenha um papel de grande relevância, ainda que seus diversos expoentes frequentemente discordem sobre quantos e quais seriam os transcendentais. Influenciado pela escolástica (sobretudo por Francisco Suárez e outros filósofos da escolástica tardia, mas também indiretamente por Santo Tomás de Aquino), Wolff tematiza, por exemplo, os conceitos de verdade transcendental (cf. *Ontologia*, § 495) e bondade transcendental (cf. *Ontologia*, § 503), esta última se referindo à perfeição. Entretanto, como Jean École (2001) afirma, tanto a verdade quanto a bondade transcendentais são consideradas por Wolff não com o estatuto propriamente de “transcendentais”, mas sim como “afecções gerais dos entes” (École, 2001, p. 153). Em sua tese central sobre o tema dos transcendentais em Wolff, Sonia Carboncini (1991; cf. também 2026) interpreta como inovadora a concepção wolffiana de “transcendental” – sendo que isso, em certo sentido, terá implicações quanto ao uso do termo também na filosofia transcendental de Kant, ainda que de modo reconsiderado. Este trabalho se divide em três momentos: (1) na primeira seção, apresentaremos um breve histórico sobre os transcendentais na tradição escolástica em vista da recepção de Wolff; (2) na segunda seção, analisaremos as passagens centrais da *Philosophia Prima sive Ontologia* do filósofo de Breslau e Halle, focando especialmente nos conceitos de verdade transcendental e bondade transcendental; (3) na terceira seção, consideraremos as interpretações de École e Carboncini, especialmente buscando uma melhor compreensão acerca do aspecto transcendental do conceito de perfeição.

Palavras-chave: Christian Wolff, Perfeição, Transcendental.

Sobre o pensar por si mesmo

Ana Paula Manoel Felipe
ana.paula.manoel@uel.br

Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Universidade Estadual de Londrina

22 out
20:30
H35, s.10

Este trabalho investiga as afinidades filosóficas entre Michel de Montaigne e Arthur Schopenhauer a partir de suas reflexões sobre a autonomia do pensamento e a verdadeira erudição. Sustenta-se que o hábito montaigniano de voltar-se para si mesmo, embora não ocupe posição equivalente na filosofia de Schopenhauer, pode ser articulado às suas considerações acerca do pensar por si mesmo, evidenciando uma convergência quanto à distinção entre o mero erudito, cuja relação

com o conhecimento é predominantemente receptiva, e aquele que efetivamente pensa de forma autônoma. Embora a aproximação entre autores pertencentes a contextos históricos distintos não seja um procedimento interpretativo convencional, argumenta-se que suas obras apresentam afinidades conceituais relevantes. A investigação fundamenta-se no capítulo XXII de *Parerga e Paralipomena*, intitulado Pensar por si mesmo (*Selbstdenken*), e, no caso de Montaigne, utiliza-se *Os ensaios*, com especial atenção ao ensaio “Do pedantismo”, correspondente ao ensaio 25 do Livro I, e o ensaio “Da presunção”, referente ao ensaio 17 do Livro II, buscando evidenciar a convergência de ambos na defesa da independência intelectual como condição para o exercício autêntico da filosofia. Diante disso, propõe-se que o hábito de Montaigne de voltar-se para si mesmo—aspecto que certamente não se encontra com a mesma centralidade em Schopenhauer—poderia assumir grande relevância quando articulado às considerações schopenhauerianas acerca do pensar por si mesmo, as quais convergem, em larga medida, com as reflexões de Montaigne sobre a verdadeira erudição. Ambos os filósofos parecem compartilhar a distinção fundamental entre o mero erudito, cuja relação com o conhecimento permanece predominantemente receptiva, e aquele que efetivamente pensa por si mesmo. Além disso, sustenta-se que determinadas verdades filosóficas exigem a experiência individual para serem plenamente assimiladas, sua eficácia não consiste em promover uma transformação imediata do comportamento do leitor, mas em oferecer um horizonte reflexivo a partir do qual a própria experiência possa ser compreendida e reinterpretada. Sob essa perspectiva, as reflexões desenvolvidas por ambos os autores constituem contribuições de inestimável valor para o desenvolvimento da autonomia do pensamento humano.

Palavras-chave: Autonomia, Presunção, Pedantismo.

O homem e as coisas: a fenomenologia materialista de Francis Ponge

21 out
19:30
H35, s.10

Lucas Rodrigues da Fonseca Lopes
Lucas_rodrigues_lopess@yahoo.com.br
Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PGF)
Universidade Estadual de Maringá

Este trabalho investiga a poética de Francis Ponge a partir do ensaio “O homem e as coisas”, de Jean-Paul Sartre, publicado na obra *Situações I*. O filósofo aponta que Ponge estabelece uma interseção entre o ser Em-si e o ser Para-si em sua poesia, porém há uma valorização do ser Em-si em detrimento do Para-si. A consequência disso é a formação de uma dialética entre palavras e coisas, na qual o objetivo principal do poeta é dar “voz às coisas”. Sartre afirma que o interesse de Ponge é o da nomeação, uma busca pela adequação entre as palavras e coisas, mas de modo que o recurso nominativo não permaneça meramente arbitrário. Nesse aspecto, o poeta realiza uma espécie de “mineração poética”, procurando fazer com que a linguagem adquira a solidez do ser Em-si por meio de um antilirismo e da substancialização da língua. A partir da metáfora do molusco,

Ponge concebe a fala como uma concha dura que envolve e protege o corpo mole do homem. Isso porque, diferentemente do ser Em-si, o homem é ser Para-si, isto é, negatividade, transcendência e abertura para possibilidades. Compreender a relação entre o homem e a linguagem abre caminho para pensar a relação entre o homem e as coisas nelas mesmas, exercício poético que Sartre classificou como uma fenomenologia materialista, ou seja, uma tentativa de aproximar a linguagem do ser Em-si das coisas, suspendendo o lirismo subjetivo para fazer emergir a espessura material do mundo, embora essa tentativa permaneça inevitavelmente humana.

**Langer e Lowenfeld:
analisando a natureza da expressão gráfica
na infância e na adolescência**

Rosana Similli Pedro
pg407357@uem.br

Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PGF)
Universidade Estadual de Maringá, CNPq

20 out
21:00
H35, s.10

Não vivemos apenas no espaço orgânico e perceptivo. O humano, o animal simbólico, dotado de poderes de abstração, é capaz de organizar a experiência em diferentes estruturas ou formas simbólicas, tais como o mito, a religião, a linguagem, a arte, a história e a ciência. Em cada uma dessas formas, a significação do espaço e do tempo é diferente. O espaço e o tempo na arte aparecem como ilusões estéticas através de formas articuladas. Langer, discípula de Cassirer, desenvolve essa ideia afirmando que, no caso das artes plásticas, cada uma cria, por meio de abstrações primárias, o espaço ilusório no qual formas expressivas do sentimento podem ser apresentadas ao observador sensível. Através da obra de arte, o que se oferece é uma ideia de sentimento, e não uma simples descarga emocional do artista. Enquanto a ideia é expressiva, a descarga emocional é apenas sintomática e não configura um símbolo do sentimento. Dessa maneira, uma obra de arte genuína não depende do sentimento do artista, mas de como ele é capaz de articular as formas do sentimento por meio dos materiais, o que exige técnica e habilidade. Lowenfeld, por sua vez, afirma que (i) os desenhos infantis são formas genuínas e espontâneas de expressão da vida interior e (ii) servem como indicadores do processo de desenvolvimento emocional, perceptivo, intelectual e social da criança. Concordamos com (ii), mas não está clara qual é a natureza da expressão em (i). Pretendemos analisar criticamente a noção de expressão utilizada por Lowenfeld a partir da teoria semântica de Susanne Langer, com o intuito de estabelecer o estatuto do desenho infantil e avaliar como ele pode auxiliar pesquisas sobre abstração e percepção.

Palavras-chave: percepção, abstração, expressão, arte, educação.

21 out
21:00
H35, s.10

Complexo e obstáculo epistemológico: uma articulação hermenêutica entre Jung e Bachelard

Bruno Marcondes Umbezeiro
bruno.umbezeiro@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática (PCM)
Universidade Estadual de Maringá, Capes

Esta pesquisa investiga processos de cristalização do pensamento científico, tomando como referência a relação entre as noções de complexo, em Carl Gustav Jung, e de obstáculo epistemológico, em Gaston Bachelard. Inserida no campo da História, Epistemologia e Cultura da Ciência, a investigação parte do pressuposto de que determinadas formas de organização do pensamento podem dificultar a abertura necessária à sua transformação diante de novas experiências e conhecimentos. Busca-se, portanto, compreender de que maneira aspectos afetivos, simbólicos e inconscientes, relacionados à noção junguiana de complexo, podem ser articulados à dimensão epistemológica dos obstáculos em Bachelard. O estudo assume uma orientação predominantemente teórica e epistemológica, buscando, por meio do diálogo hermenêutico entre Jung e Bachelard, construir uma articulação conceitual entre as noções de complexo e obstáculo epistemológico, sem reduzir uma perspectiva à outra. O corpus teórico é constituído principalmente por obras de Bachelard e Jung, mobilizando também escritos e episódios da história da ciência como elementos de interlocução e exemplificação. Metodologicamente, a investigação fundamenta-se na hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer, compreendendo a interpretação como um processo dialógico de produção de sentidos, no qual os conceitos são colocados em relação e interpretados a partir de seus horizontes históricos e teóricos. Pretende-se, assim, contribuir para uma compreensão ampliada da epistemologia bachelardiana, explorando as possíveis relações entre dimensões epistemológicas, afetivas e simbólicas na constituição e transformação do pensamento científico.

Palavras-chave: Obstáculo epistemológico, Complexo, Epistemologia, Hermenêutica filosófica, Pensamento científico.

22 out
21:00
H35, s.10

Do adoecimento da vontade à ascensão do racionalismo na cultura grega

João Victor Rodrigues Pinto
pg406385@uem.br

Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PGF)
Universidade Estadual de Maringá, Capes

O presente trabalho tem o objetivo de investigar, com base nas obras do jovem Nietzsche, um possível adoecimento da Vontade a partir do surgimento do racionalismo na cultura grega, tendo isso em vista, a morte da tragédia será observada como um sintoma desse adoecimento. O problema central deste trabalho é: É possível que a Vontade com o surgimento do racionalismo tenha adoecido? Destarte, a investigação inclui um olhar sobre o desenvolvimento da cultura grega

mediante os impulsos apolíneo e dionisíaco e um aprofundamento sobre a relação dessa cultura com a existência. Além disso, será analisado tanto o surgimento do socratismo quanto o impacto de Eurípides para a tragédia grega, neste ponto o racionalismo que atinge a tragédia e a cultura grega será entendido como a causa do adoecimento da Vontade e da própria cultura grega.

Palavras-chave: Adoecimento, Cultura Grega, Racionalismo, Tragédia, Vontade.

Os transcendentais e sua origem em Tomás de Aquino

Lucas Henrique Fiori Gomes
ra140909@uem.br

Programa de Iniciação Científica
Universidade Estadual de Maringá

22 out
17:30
H35, s.10

Tendo como finalidade apresentar a noção de transcendental em Tomás de Aquino, esse texto busca apresentar a originação de cada um dos transcendentais a partir do ente, pois essa relação determina de modo íntimo a maneira como Tomás expõe a origem dos transcendentais. Para poder realizar essa apresentação, fez-se necessário desenvolver a construção argumentativa do autor, tanto na *Suma de Teologia* quanto nas *Questões discutidas sobre a verdade*, onde se encontra desenvolvida de modo aprofundado a metafísica de Tomás. Uma vez feita a seleção de passagens específicas dessas duas obras de Tomás, foi construída a noção desse transcendente, juntamente com a origem dos transcendentais a partir da noção de ente. Partindo dos textos primários e fazendo uso de comentadores, irei expor como essa relação transcendental/ente é feita dentro da metafísica de Tomás. Também como a exposição do modo como o autor relaciona as coisas que são caracterizadas no grupo dos transcendentais com a ente divino e o ente criado. Para a elaboração desse texto, foi feita uma leitura analítica e crítica de trechos de duas das principais obras da filosofia de Tomás de Aquino, a saber, *Questões discutidas sobre a verdade* e a *Suma de Teologia*.

Palavras-chave: Metafísica, Medievalismo, Bem.

21 out
16:00
H35, s.10

O vitalismo transcendente de Jesus

Wellington Sá da Silva

wellingthon.sa@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PGF)

Universidade Estadual de Maringá

Este estudo propõe uma interpretação dos ensinamentos de Jesus à luz do vitalismo, compreendido, nessa perspectiva, como uma vitalidade espiritual que emana de sua relação com Deus e se manifesta na promoção de uma vida em abundância (Jo 10:10). Essa compreensão permite analisar a experiência de Jesus não apenas como expressão de valores que favorecem a vida, mas também como manifestação de uma vitalidade espiritual que se concretiza em suas ações, expressando a transcendência na imanência. Nesse sentido, a corporeidade assume papel fundamental, pois não constitui um obstáculo à espiritualidade, mas o lugar de manifestação da vida e da experiência do divino. Em diálogo com a fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) e Michel Henry (2014), compreende-se o corpo como dimensão constitutiva da experiência humana e como mediação das relações do sujeito consigo mesmo, com o mundo e com os outros. Assim, a vida não se limita à dimensão biológica ou mecânica, mas envolve experiências sensíveis, afetivas, relacionais e espirituais. Conclui-se que a interpretação vitalista dos ensinamentos de Jesus permite compreender a vida como uma realidade integral, na qual corpo, existência e espiritualidade se articulam, tendo em Deus sua fonte e seu fundamento.

21 out
14:30
H35, s.10

O problema da gênese conceitual do termo raça no pensamento decolonial

Jeferson Scaccheti Prado

jscaccheti@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PGF)

Universidade Estadual de Maringá, CNPq

A discussão acerca da filosofia decolonial tem ganhado enorme relevância no âmbito acadêmico nas últimas décadas. As formulações de Aníbal Quijano, que auxiliaram significativamente na leitura colonial do poder, produziram diversos desdobramentos teóricos e contribuíram para a construção de novas perspectivas no que concerne à história da filosofia e de seu legado no campo do conhecimento. Em seu trabalho *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*, Quijano identifica um conjunto de processos históricos que serviram de base para a formação e a manutenção da dominação europeia sobre a América e outras regiões do mundo. A essa conjuntura, constituída a partir da articulação entre colonialismo, classificação social e produção de hierarquias, o autor denomina “colonialidade do poder”. Entre os aspectos que mais se destacam na obra de Quijano encontra-se a compreensão da “raça” como um mecanismo de classificação social. Com isso, a partir da leitura de Quijano, é possível compreender a origem do conceito de raça dentro do contexto histórico da modernidade, principalmente em

sua crítica da filosofia cartesiana. Apesar de Quijano não desenvolver de modo aprofundado essa análise, outros autores dentro dessa mesma linha seguiram tais ideias, entre eles Nelson Maldonado-Torres e Enrique Dussel. Esses pensadores estabeleceram relações mais diretas entre a constituição da modernidade, a racionalidade ocidental e os processos de classificação e hierarquização dos sujeitos. Entretanto, a própria noção de raça demanda uma investigação mais cuidadosa, sobretudo no que diz respeito ao princípio histórico e filosófico do conceito. O posicionamento dos autores não reflete as perspectivas argumentativas filosóficas da época. Portanto, este trabalho busca investigar os elementos do conceito no período que os autores acima citados defendem como a origem da divisão racial no mundo.

Palavras-chave: Raça, Decolonialidade, Origem.

A Referenciação na Linguística Estruturalista

Luccas Vaz Dantas dos Santos

luccasdantas1@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PGF)

Universidade Estadual de Maringá, Capes

22 out
17:00
H35, s.10

Ferdinand de Saussure definiu celeberrimamente o signo linguístico como uma função arbitrária entre significante e significado em ausência do referente. Ao invés de caracterizar o valor sógnico por uma identidade essencial ou referência, este se define por meio de *relações diferenciais*: seja pelas oposições que evoca no sistema da língua, seja pela posição que ocupa na fala. Essa relacionalidade imanente se estende a quem, aos fonemas, e além, às frases. A referência não é diretamente tematizada por Saussure, mas a tradição estruturalista posteriormente tratou dela ao focalizar no *discurso*. Ao introduzir o “aparelho formal de enunciação”, Émile Benveniste destacou signos vazios, como as dêixis “eu”, “você”, “aqui”, que só adquirem valor pleno na enunciação. Diferente de um conceito geral, como “humano”, não há significado comum entre os designados por “eu”. O “eu” autorreferencia a instância de sua enunciação, situando aquele que o enuncia. O referente não aparece como um fato puro, estático e independente, mas é produzido ou enquadrado singularmente pelo ato enunciativo (como também mostrou J. L. Austin no “illocutório”). Na enunciação se observa não apenas a semântica, compreendendo a referenciação *ego, hic et nunc*, mas também a *metasemântica*, compreendendo o aspecto coletivo e dialógico da linguagem. Toda enunciação remete a outras enunciações. Uma expressão mais radical da tendência estruturalista se encontra na *semântica argumentativa* de Oswald Ducrot. Sua teoria visa desfazer a noção descritivista ou logicista da língua natural em prol de um argumentativismo generalizado. A função precípua de um enunciado não é representar ou informar sobre um estado de coisas, mas argumentar a favor ou contra uma conclusão. Tais perspectivas estruturalistas—linguísticas, discursivas e argumentativas—se conectam com a história da filosofia: como na autorreferência do *cogito cartesiano*, no desvelar e velar da *verdade heideggeriana*, e na avaliação entre descrições do *falseabilismo popperiano*.

Palavras-chave: Argumentação, Discurso, Designação, Estruturalismo, Referência.

21 out
20:00
H35, s.10

Impressões Retinianas: a arte como filosofia selvagem

Carolina Silva Garcia
pg407351@uem.br

Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PGF)
Universidade Estadual de Maringá, Capes

A definição que Merleau-Ponty atribui à percepção se mostra deveras perspicaz. Em sua tese doutoral, *Fenomenologia da Percepção*, coloca que perceber “é apreender um sentido imanente ao sensível antes de qualquer juízo” e que “a percepção confere aos dados o seu sentido”, apontando, assim, os prejuízos de uma tradição filosófica marcada pelo desejo de purificação do conhecimento, numa tentativa de isentá-lo de toda confusão sensorial. Porém, no mundo dos fatos, no mundo fenomênico, este não é o caso. O que ocorre, em verdade, é que estamos situados nas brumas entre o inteligível e o sensível; há apenas uma linha tênue de separação; as lacunas são muito mais sentidas e visíveis, por isso a decisão de retomada da pesquisa fenomenológica sobre o mundo pelo filósofo. Para Merleau-Ponty, o fenômeno da visão guarda um mistério em si mesmo, pois somos, ao mesmo tempo, visíveis-videntes, numa troca de papéis entre perceber e ser percebido, tocar e ser tocado, enfim, entre o mundo e o corpo. É neste entrecruzamento que o papel da arte aparece e ensina à filosofia o seu filosofar. Neste sentido, a arte ensina à filosofia a forma corporal sensível e a visão do artista é um desdobramento infinito de perspectivas. Deste modo, o artista sempre expressa um mundo inaugural de sentidos e significações. Uma vez que a coisa visível se mostra infinitamente visível, até mesmo por meio de sua incapacidade de esgotar o visível, de sua invisibilidade, dá-se a concepção de “obra aberta”. Assim, humildemente reconhecendo a ambivalência de sua falta e excesso, a arte provoca o pensamento por aquilo que não foi capaz de pensar e oferece caridosamente o que pensa, para que se manifeste o impensado. Em suma, uma obra bem-sucedida, é uma obra que suscita novas obras.

Palavras-chave: Percepção, Expressão Artística, Obra Aberta.

A virada ontológica e seus impactos na filosofia

Francielle Pires Freire Favareto

pg406384@uem.br

Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PGF)

Universidade Estadual de Maringá, Capes

21 out
15:00
H35, s.10

A virada ontológica constitui uma inflexão significativa no pensamento filosófico contemporâneo. Em lugar de indagar apenas como diferentes culturas representam uma realidade supostamente única, essa perspectiva passa a examinar a possibilidade de uma multiplicidade de mundos e modos de existência. Tal deslocamento, embora formulado inicialmente no âmbito da antropologia, produz repercussões decisivas em campos como a metafísica, a epistemologia, a ética, a filosofia política, a filosofia da natureza e a cosmopolítica. Nesse horizonte, o primeiro deslocamento incide sobre a metafísica, ao admitir que talvez não exista uma realidade universal interpretada de maneiras distintas por diferentes culturas. Em vez disso, diferentes coletivos podem constituir modos específicos de existência, de relação e de agência. Desse modo, a questão filosófica acerca do que existe deixa de pressupor uma resposta unívoca e passa a ser compreendida no interior de disputas propriamente ontológicas. Essa reconfiguração metafísica implica, por sua vez, uma crítica ao epistemocentrismo ocidental. A filosofia europeia moderna deixa de ocupar automaticamente a posição de instância universal de validação do real. Nesse contexto, os saberes ameríndios e outras tradições passam a ser reconhecidos como formas legítimas de pensamento e de elaboração conceitual, e não apenas como conjuntos de crenças, símbolos ou objetos de descrição etnográfica. A ampliação do campo de reconhecimento ontológico também desestabiliza os pressupostos do humanismo moderno, uma vez que o ser humano deixa de constituir a medida exclusiva da agência e da subjetividade. Animais, rios, florestas, espíritos, artefatos e outros existentes podem, assim, integrar redes de ação, parentesco e responsabilidade, o que exige a revisão das fronteiras convencionais entre sujeitos e objetos. Como consequência dessa descentralização do humano, a política já não pode ser concebida como uma atividade exclusivamente humana. A perspectiva cosmopolítica sustenta que decisões territoriais e ecológicas envolvem coletivos compostos por humanos e seres mais-que-humanos, cujas formas de existência e participação precisam ser consideradas na constituição do espaço comum. Essa concepção ampliada do político está diretamente associada à crítica da oposição entre Natureza e Cultura. A separação moderna entre uma natureza objetiva e culturas subjetivas passa a ser compreendida como uma ontologia historicamente situada, e não como uma classificação universal. Em seu lugar, categorias como relação, corpo, perspectiva e transformação adquirem centralidade conceitual. Diante desses deslocamentos, a filosofia é convocada a adotar uma abordagem comparativa, situada e interdisciplinar. Isso significa não apenas incorporar pensamentos indígenas como exemplos de categorias previamente estabelecidas, mas permitir que eles interroguem e transformem as próprias categorias filosóficas. Desse modo, consolida-se uma perspectiva pluriversal, capaz de reconhecer a coexistência de diferentes regimes de existência e de produção conceitual—Filosofia comparada e pluriversal.

Palavras-chave: virada ontológica, cosmopolítica, pluriversalidade.

22 out
19:30
H35, s.10

A *Rechtslehre* possui uma criticidade homogênea? Por uma análise gradual da fundamentação jurídica kantiana

Cleiton Marcolino Isidoro dos Santos
cleiton.marcolino@uel.br

Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Universidade Estadual de Londrina, Capes

A presente comunicação examina o problema do caráter crítico da *Rechtslehre* a partir da hipótese de que sua criticidade não deve ser compreendida como uma propriedade homogênea atribuível à obra em bloco. A alternativa tradicional entre considerar a *Doutrina do direito* inteiramente crítica ou identificar nela um afastamento do projeto transcendental tende a obscurecer a diversidade dos procedimentos argumentativos empregados por Kant. A *Rechtslehre* articula definições, postulados, deduções, autorizações, divisões sistemáticas e determinações institucionais que não apresentam necessariamente o mesmo tipo nem o mesmo grau de fundamentação. Propõe-se, por isso, substituir a pergunta global—“a *Rechtslehre* é crítica?”—por uma investigação gradual: em que sentido, segundo quais critérios e em quais momentos determinados argumentos jurídicos podem ser considerados criticamente fundamentados? A análise toma como referência dimensões distintas da fundamentação, entre elas a derivação a partir da liberdade externa, a validade dos juízos jurídicos a priori, a integração sistemático-institucional e a relação com materiais herdados da tradição jusnaturalista. Particular atenção será dada ao fato de que a mera presença de conceitos como liberdade, razão prática ou direito não garante, por si só, a suficiência justificativa das conclusões particulares. Sustenta-se, assim, que a criticidade da *Rechtslehre* deve ser reconstruída como uma propriedade diferenciada e gradual, permitindo identificar argumentos fortemente fundamentados, mediações incompletas e possíveis tensões internas sem converter dificuldades locais em um diagnóstico global sobre toda a obra.

Palavras-chave: Kant, *Rechtslehre*, criticidade, fundamentação jurídica, liberdade externa.

**A genealogia da *distinctio* é o caso de Lutero:
A *Disputatio de homine* (1536)**

Eduardo Sales de Lima
pg56558@uem.br

Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PGF)
Universidade Estadual de Maringá, Capes

22 out
16:30
H35, s.10

O artigo reconstrói a genealogia da *distinctio* como operação lógica e testa-a num caso: a *Disputatio de homine* de Lutero (1536). No prólogo do *Sic et Non*, Abelardo sistematiza regras para dissolver contradições: a diversidade de significação das palavras, o alcance geral ou particular de um preceito e a distinção dos tempos. Nessa tradição, que passa por Ivo de Chartres, Graciano e Pedro Lombardo, distinguir serve à concórdia. Com a lógica terminista, a *distinctio* passa a operar sobre a *suppositio*, a quantidade das proposições e as regras de *consequentia*, que é a lógica que Lutero aprendeu em Erfurt com Trutfetter e Usingen. A tese é que, na *De homine*, Lutero usa os mesmos tipos de distinção com a função invertida. A restrição da definição filosófica ao homem *huius vitae* (T3, com a lição *tantum*), a leitura universal do homo indefinido de Rm 3,28 (T34) e a regra *a debere ad posse non valet consequentia* não conciliam a filosofia e a teologia. Elas separam esferas de predicação e as ordenam hierarquicamente, sem rejeitar a filosofia. Contra a leitura hermenêutica de Ebeling, o artigo sustenta que essa separação é executada com os instrumentos terministas, e não apesar deles. Uma distinção é legítima quando separa os respetos (*respectus, secundum quid*) sob os quais um mesmo sujeito recebe predicados diferentes; é ilegítima quando cria um grau intermediário que preserva capacidade humana *coram Deo*.

Palavras-chave: *distinctio*, Abelardo, lógica terminista, Lutero, *Disputatio de homine*.

Índice de Autores

Aguila

Heloise Cristina Rossetti, 11

da Silva

Matheus Oliveira Pinheiro, 8

Wellington Sá, 20

dos Santos

Cleiton Marcolino Isidoro, 24

Luccas Vaz Dantas, 21

Faria

Jonas Silva, 14

Favareto

Francielle Pires Freire, 23

Feldhaus

Charles, 5

Felipe

Ana Paula Manoel, 15

Garcia

Carolina Silva, 22

Gomes

Lucas Henrique Fiori, 19

Guimarães

Stephanie Marques Soares, 12

Ionnidis

Tiffany, 9

Khalmeyer-Mertens

Roberto, 9

Lima

Eduardo Sales de, 25

Lopes

Lucas Rodrigues da Fonseca, 16

Marloon

Ray, 10

Ono

Daniel Stein, 12

Pedro

Rosana Similli, 17

Pinto

João Victor Rodrigues, 18

Prado

Jeferson Scacchetti, 20

Prestupa

Pamela Pereira, 5, 7

Rodrigues

Estéfferson da Silva, 13

Rossato

Paulo, 8

Stobbe

Emanuel Lanzini, 15

Umbezeiro

Bruno Marcondes, 18